

Era evidente que meus camaradas não perceberam o que me tinha afetado tão profundamente. É o que acontece quando se estabelece uma corrente entre duas pessoas. Em certos instantes romperam risos — por exemplo, quando usou a palavra “luas” para significar “meses”. Com facilidade recorrem ao riso, o que lhes dá um sentimento de superioridade.

Consideravam que palavras como “luas” e em geral toda a exposição de Vigo eram antiquadas. Para eles o fundamental é o instante presente. Passou-lhes por alto, sem dúvida, que Vigo estava citando um velho texto baseado na tradução do árabe de Galland. Além disso, “luas” é fonética, gramatical e logicamente melhor que “meses”. No entanto, a palavra tem o inconveniente de ter sido manuseada por poetas medíocres. Por isso, prescindirei dela. Vigo está acima destas cavilações. É um homem capaz de devolver à linguagem o seu prestígio. Em outra época que não fosse a nossa, na qual já ninguém leva a sério coisa alguma, teriam-lhe reconhecido a classe, apesar de sua idiossincrasia.

Se, a respeito dos fatos objetivos, ele é estrito e inflexível, em compensação tem grande sensibilidade pessoal. Poderia dizer o que quisesse e como quisesse, inclusive as coisas mais insensatas, caso se mantivesse *up to date*. Porém o estorva seu próprio modo de ser, que o obriga a ser honrado. Não poderia torcer os fatos em seu proveito, ainda que o propusessem.

Que uma pessoa de cultura elevada se harmonize com o espírito de seu tempo foi, desde sempre, uma feliz coincidência, uma rara exceção. Hoje é melhor ater-se ao conselho do velho sábio:

Se não queres que te roubem sem clemência,
oculta teu dinheiro, tua fé e tuas ausências.

A mesma coisa fazem os poderosos; comportam-se como todo mundo. Também o Condor, embora possa se permitir muitas exceções, mostra-se precavido neste ponto. Um camareiro da noite é um bom juiz em tais assuntos.

Do jeito que está a situação, o melhor que um professor pode fazer é se limitar às ciências naturais e ao âmbito de suas aplicações práticas. Tudo que saia destes limites, por exemplo, a literatura, a filosofia ou a história, entra em terreno perigoso, sobretudo se cai sob suspeita de “pesquisas metafísicas”.

Baseando-se nestas suspeitas trabalham entre nós dois tipos de professores: velhacos disfarçados de professores ou professores que, para gozar de popularidade, se fazem de velhacos. Competem entre si em se superar nas infâmias; porém os lobos de uma mesma cria cuidam de não se devorar mutuamente. Isto posto, se espíritos como Vigo entram por engano em seu círculo, tratam-no como uma ave rara: todos se unem contra ele. É um grande espetáculo vê-los cerrar fileiras, como se o extermínio os ameaçasse.

Deles os estudantes recebem suas orientações, ainda que sejam no íntimo de boa índole. Não quero descer a mesquinhas. Na análise histórica se distinguem principalmente duas perspectivas, uma que se centra no homem e a outra, nos poderes. Isto corresponde também a um ritmo da política. Aqui, monarquia, oligarquias, ditaduras, a tirania; lá, democracias, repúblicas, o *ochlos*, a anarquia. Aqui o capitão, lá a tripulação, aqui o grande caudilho, lá o corpo social. Os entendidos bem sabem que estas contraposições, embora necessárias, são ao mesmo tempo ilusórias — apenas motivos que servem para marcar a hora no relógio da história. Muitas vezes brilha